

# VOZ DA FATIMA



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos Empresa Editora: Tip. "União Gráfica", R. Santa Marta, 158 — Lisboa Administrador: P. António dos Reis Redacção e Administração "Santuário da Fátima,"

## FÁTIMA -- íman das almas e dos corações

*«Fátima, a humilde povoação, quasi desconhecida ainda há poucos anos, tornou-se um poderoso íman dos corações, pelo para o qual se voltam irresistivelmente as almas sequiosas de paz, de luz e de amor.»*

(Do livro «Fátima, le nouveau Lourdes», edição da Abadia de Averbode, Bélgica, 1933).

### O FIM DAS PEREGRINAÇÕES

*O templo, a igreja, a casa de Deus, é casa de oração.*

*A gloriosa Rainha do Céu, dignando-se aparecer, na Cova da Iria, aos humildes e inocentes pastorinhos de Aljustrel, comunicou-lhes a sua vontade de que naquele local abençoado se construísse uma capela em sua honra.*

*Ela quis, irrecusavelmente, consagrar, por essa forma, o recinto das aparições como um lugar especial de oração. Mas, não contente com isso e empenhada, por assim dizer, em frizar dum modo bem claro, a característica essencial do novo Santuário, destinado a ser, dentro de poucos anos, o Santuário nacional por excelência, teve sempre o rosário, durante as aparições, pendente das suas mãos puríssimas, ensinou aos videntes uma pequena súplica, pediu-lhes que levassem dois andores numa procissão da sua freguesia e acedeu aos pedidos que a Lúcia lhe fez de converter alguns pecadores do seu conhecimento.*

*Maria Santíssima desceu do Céu à solidão da Cova da Iria, para estabelecer ali o seu trono de graças e assim atrir àquêle lugar bendito as almas pecadoras para as converter e salvar.*

*E é pelas orações dos fiéis que acorrem a Fátima em piedosa roagem que ela quer que isso se consiga.*

*Como era bela a oração das três crianças quando, de joelhos, junto da azinheira sagrada, invocavam a celeste Padroeira de Portugal, implorando a sua intercessão a favor das almas transviadas!*

*E com que piedade e fervor os peregrinos rezam, durante as cerimónias litúrgicas, que se efectuam no dia treze de cada mês, naquela atmosfera saturada de sobrenatural que envolve o vasto anfiteatro do recinto das aparições!*

*E quantas vezes, êsse tocante espectáculo impressiona e abala os indiferentes e os curiosos, e até os ímpios, fazendo-os cair de joelhos, a rezar também e a soluçar! Sobretudo as noites de doze para treze oferecem, sob êste ponto de vista, scenas altamente comoventes e empolgantes. Na procissão das velas e durante as longas horas de adoração nocturna, ao ar livre, sob a abóbada celeste estrelada, os coros dos peregrinos repetem sem cessar os louvores da Rainha dos Anjos diante do trono de misericórdia que Ela escolheu.*

*No fundo dessas preces e desses cânticos, que comunicam esplendores inefáveis de alegria às cerimónias santas e às solenes procissões, encontra-se sempre, juntamente com a súplica pelos que sofrem, a oração fervorosa pela conversão dos pecadores.*

*E, ao deixarem, cheios de saúde, as paragens sagradas da Lourdes portuguesa, os piedosos romeiros não cessam de orar.*

*Durante a viagem, nos automóveis, nas camionnettes, nos combóios, nos veículos de toda a espécie em que se fazem transportar, ou enquanto percorrem a pé léguas e léguas para chegar aos seus lares distantes, através das cidades e dos campos, nos atalhos e nas grandes estradas, eles enchem tudo com os acentos suaves das suas preces e dos seus cânticos.*

*De regresso a suas casas, rezam com um novo e dobrado fervor e o seu espírito de oração reanima por toda a parte a fé, a esperança e o amor, restaura a vida cristã nos indivíduos e nas famílias e faz triunfar o reino de Deus nas almas e nos corações.*

*Por meio do Santo Rosário, cuja devoção a Virgem Santíssima tantas vezes recomendou aos videntes, e por intermédio deles, a todos os fiéis, invoquemos fervorosamente o auxílio do Céu, entre as provações e as esperanças dos dias que passam, nesta fase angustiosa e cheia de incertezas que o mundo actualmente está atravessando.*

*Oremos por nós, pelas nossas famílias, pela nossa pátria; oremos para desagrar a Deus pelos nossos pecados e para obter a conversão dos pecadores que inundam a face da terra.*

*As culpas individuais e as iniqüidades colectivas são a verdadeira causa de todos os males que nos oprimem ou que nos ameaçam.*

*Oremos pelos tiranos e pelos preseguidores. Oremos sobretudo pelas vítimas dos pecados do mundo, por todos os oprimidos, pelo Vigário de Cristo, pela Igreja, pelo clero, pelos religiosos, pelas crianças a quem se pretende roubar a fé e a inocência, pelas almas que tantos demónios em carne procuram seduzir e perder.*

*Oremos e façamos penitência. Dêste modo, pela renovação e intensificação da vida interior, que é a vida de união íntima com Deus, realizaremos o programa de Fátima, preparação prévia e indispensável para efectivação do magnífico programa da Acção Católica, que tem por fim a recristianização da sociedade paganzada pelas doutrinas e práticas dissolventes de laicismo, a grande e funesta heresia dos tempos modernos.*

Visconde de Montelo

## As comemorações

13 DE JULHO

Os actos religiosos comemorativos do décimo sétimo aniversário da terceira aparição da Santíssima Virgem aos humildes pastorinhos de Aljustrel tiveram um atractivo e um encanto inteiramente particulares, graças à atmosfera de piedade e recolhimento extraordinários em que todos êles foram realizados.

Mas a peregrinação mais importante foi incontestavelmente a do Arciprestado de Ancião, efectuada com a aprovação dos Ex.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mos</sup> Prelados de Coimbra.

O seu programa, organizado em harmonia com o programa oficial do Santuário, foi cumprido com a mais edificante exactidão e pontualidade.



Altar mór da Cathedral de Monfalcone, Itália, na festa de Nossa Senhora da Fátima em 13 de maio de 1934

Numerosas, importantes e bem organizadas foram as peregrinações que acorreram a Fátima para tomar parte nas comemorações desse dia, merecendo especial referência as do Arciprestado de Ancião, de Belém (Lisboa), Santíssimo Sacramento (Pôrto), Setúbal, Tôres Vedras, Águeda e Carcavelos.

No dia 12, às 10 h. 30, houve, como de costume, a recitação do terço em frente da capela das aparições, seguida da procissão das velas.

Da meia-noite às duas horas realizou-se a cerimónia da adoração nacional, tendo prégado sobre os mistérios dolorosos o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo de Leiria. As outras ho-

ras de adoração foram distribuídas pelas freguesias do Arciprestado de Ancião segundo a ordem seguinte:

Das 2 às 3, freguesias da Aguda e Maças de D. Maria; das 3 às 4, freguesias de Chão de Couce, Pousaflores e Avelar; das 4 às 5, Ancião, Tôrre e Lagarteira, e das 5 às 6, Alvorge e S. Tiago da Guarda.

A peregrinação de Setúbal teve a sua hora de adoração das 2 às 3 e as de Tôres Vedras, Águeda e Carcavelos, das 5 às 6.

As missas privativas das diversas peregrinações foram rezadas às horas que seguem: às 8,30, a de Tôres Vedras; às 9, a do Santíssimo Sacramento (Pôrto); às 9,30 a de Setúbal; às 10, a do Arciprestado de Ancião, e às 10,30, a de Águeda. As 6 horas, celebrou-se a missa da comunhão geral, tendo recebido o Pão dos Anjos cerca de quatro mil pessoas.

Ao meio-dia, depois da recitação do terço do Rosário e da procissão de Nossa Senhora, houve a missa oficial, seguida da bênção dos doentes.

Celebrou a missa o rev.<sup>do</sup> dr. Galamba de Oliveira, professor de sciencias eclesiásticas no Seminário de Leiria e membro da Junta Geral do Distrito. Este distinto e piedoso sacerdote comemorava nesse dia o aniversário da sua primeira missa, também celebrada no Santuário de Fátima.

No fim do Santo Sacrificio prégou o ilustre e venerando Prelado de Leiria.

Os actos colectivos oficiais tiveram o seu remate com a última procissão de Nossa Senhora e com a toconte cerimónia do Adeus.

As peregrinações de Setúbal, Belém e Santíssimo Sacramento, feitas em auto-carros, visitaram, aquelas no dia 12 e esta no dia 15, a igreja do Santíssimo Milagre em Santarém, onde adoraram a Hóstia do grande milagre eucarístico do século treze.

Para conhecimento das peregrinações interessadas em ver e oscular aquela sacrosanta reliquia, convém lembrar que, para êsse fim, é necessário prevenir com alguns dias de antecedência o capelão da referida igreja.

### Peregrinação do Pôrto

No dia 16 de Julho, às 14, h. 40, partiu da estação de S. Bento (Pôrto) para Fátima, em combóio especial, a peregrinação promovida pela Sociedade «Os Amigos de Santo António».

Os peregrinos, que eram em número de trezentos e cinquenta, foram presididos pelo rev.<sup>do</sup> Manuel Nédio de Sousa, Reitor do Seminário do Coração de Jesus, em Gaia, tendo sido também acompanhados pelos rev.<sup>dos</sup> abades de Ramalde, Lordelo do Ouro e Formelo, Vila do Conde, e coadjutor de Campanhã.

Na peregrinação tomaram parte numerosas colectividades católicas portuenses com os seus estandartes.

Os actos religiosos colectivos, realizados pelos peregrinos em Fátima, foram os que constam do programa das cerimónias oficiais para o dia treze de cada mês.

### Peregrinação da Batalha

No dia 24 de Julho, por iniciativa do seu zeloso pároco, o rev.<sup>o</sup> Manuel Pereira da Silva Gonçalves, a freguesia da Batalha realizou a sua peregrinação anual colectiva ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima.

Tomaram parte nela muitas centenas de pessoas.

As 15 horas reuniu-se o povo na igreja do Convento da Batalha para receber a bênção do Santíssimo Sacramento.

Em seguida a peregrinação partiu a pé em direcção a Fátima, acompanhada pelo seu rev.<sup>o</sup> Pároco. Pelo caminho não se conversava, somente se cantava e rezava o terço em voz alta.

Fêz-se a devoção da Via-Sacra, havendo uma prática junto de cada cruzeiro. Os peregrinos chegaram a Fátima um pouco antes do sol pôsto. Depois, até ao outro dia, à hora da partida, o que houve foi o que costuma haver no dia treze de cada mês: procissão das velas, exposição do Santíssimo Sacramento e adoração nocturna, rezando-se ao princípio o terço com práticas apropriadas nos intervalos das dezenas sobre os mistérios gloriosos do Rosário feitas pelo rev.<sup>o</sup> dr. Galamba de Oliveira, que aproveitou o ensejo para instruir os seus ouvintes acerca da natureza e fins da Acção Católica e do dever que incumbe a todos os fiéis de cooperar nessa importante e urgente Cruzada de Salvação dos tempos modernos. De manhã houve missa rezada, comunhão geral, procissão com a Imagem de Nossa Senhora, missa cantada, bênção dos doentes, recondução da Imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições e a tocante cerimónia do Adeus.

Os sacrifícios que os piedosos habitantes da Batalha tiveram de fazer, tomando parte nesta fervorosa romagem, de-certo serão compensados pelas graças e bênções que o Céu fará descer sobre aquela edificante grei e sobre o seu zeloso e dedicado Pastor e que hão-de produzir frutos abundantes de santificação e salvação.

### A diocese de Leiria em Fátima

Foi nos dias doze e treze de Agosto de 1932 que se realizou a primeira peregrinação diocesana, propriamente dita e oficialmente organizada, ao grande Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima. Como *noblesse oblige*, coube à diocese de Leiria, a diocese privilegiada pela Augusta Mãe de Deus com o dom magnífico das suas celestes aparições, a glória dessa bela e fecunda iniciativa. Desde então, todos os anos, no mês de Agosto, escolhido pelo venerando Prelado para esse fim, a mais pequena das dioceses de Portugal compraz-se em ir depôr, solene e piedosamente, aos pés de Nossa Senhora, no santuário da sua predilecção, a homenagem da sua veneração, o tributo do seu reconhecimento e o preito do seu amor filial.

O ano passado, por motivo da comemoração mundial da Maternidade espiritual da Santíssima Virgem, Co-redentora do género humano e Medianeira de todas as graças, Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor D. José Alves Correia da Silva dirigiu um apêlo vibrante e sentido aos seus diocesanos, convidando-os a tomar parte colectiva na peregrinação de doze e treze de Agosto a Fátima em honra da augusta Mãe de Deus e dos homens.

Esse apêlo, o nobre e ilustre Prelado renova-o este ano com todo o ardor e veemência da sua alma de apóstolo e com toda a ternura do seu coração paternal.

Ele deseja com razão vêr ali, a seu lado, naquela estância abençoada, que a Rainha dos Anjos se dignou escolher para trono das suas graças, a querida grei que o Senhor lhe confiou, afim de agradacer com ela o dom precioso concedido à sua diocese e implorar novas graças e novas bênções para santificação e salvação das almas.

É o pagamento duma enorme dívida de gratidão, é um rigoroso e imprescindível dever de reconhecimento e de amor filial para com a Virgem bem-dita, a romagem anual da diocese de Leiria ao Santuário da Lourdes portuguesa.

Praza a Deus que o apêlo do venerando Antístite seja atendido por todos os seus diocesanos que estejam em condições de o poder fazer, para que a peregrinação deste ano, pelo elevado número dos seus membros e pela grandiosidade e imponência dos seus actos colectivos, constitua uma empolgante manifestação de fé e piedade, uma autêntica e esplêndida apoteose, de que redunde grande glória para Deus, grande honra para a Virgem Santíssima e grande proveito para as almas, especialmente para as da diocese predilecta da augusta Rainha do Céu!

### Um novo livro sobre Fátima

Há cerca de quinze anos, num pobre catre do hospital de D. Estefânia, em Lisboa, após uma longa e dolorosa enfermidade, suportada com paciência e resignação heróicas, a alma angélica de Jacinta Marto, uma das privilegiadas videntes de Fátima, desprendia-se suavemente dos frágeis liames do seu corpo virginal e voava, serena e feliz, para o seio amantíssimo de Deus. Tinha então pouco mais de dez anos de idade. Era no dia 20 de Fevereiro de 1920.

No ano anterior, a 5 de Abril, adormecia tranquilamente no Senhor outro vidente, Francisco Marto, irmão da Jacinta, depois de se ter confessado e de ter recebido o Sagrado Viático com os mais edificantes sentimentos de piedade.

Essas duas crianças, humildes e inocentes, precocemente fidas de morte pelo terrível flagelo da bronco-pneumonia, passaram sobre a terra quasi com a rapidez brusca e fulminante dum silencioso e fugaz meteor.

As condições do meio em que se encontravam, no cume duma serra, a simplicidade do seu viver próprio de camponeses, a sua tenra idade, que não deixava incidir detidamente sobre as pessoas e os actos dos videntes as atenções alheias e emfim a circunstância de não se prevêr que o facto assombroso de que foram testemunhas viria a ter, a breve trecho, uma retumbância não só nacional mas universal, obstarão a que se recolhessem, a tempo e horas, úteis e valiosas informações para um retrato, tanto quanto possível, completo, da sua fisionomia moral e para um relato pormenorizado das suas palavras e dos seus actos, ao menos desde a época das aparições até à data do seu ditoso passamento.

A glória de ter superado esses obstáculos, que pareciam humanamente invencíveis, pelo que diz respeito à mais nova das videntes, cabe ao apóstolo de Fátima par antonomásia, o rev.<sup>o</sup> dr. Luís Fischer, sábio lente de História Eclesiástica na Universidade de Bamberg e ilustre autor de numerosos e importantes livros sobre a Lourdes portuguesa.

Publicado pela «Fátima-Editora» daquela cidade bávara, acaba de ser pôsto à venda no original alemão o livro «Jacinta, a pequena flor de Fátima», que é uma biografia tão interessante como encantadora da pequenina e humilde vidente de Aljustrel.

Subordinando, por assim dizer, o

seu precioso trabalho a um alto pensamento filosófico e religioso, o doutíssimo escritor de Além-Reno encerra certos traços mais salientes da existência aliás tão curta da Jacinta e julga ver nessa criança uma grande privilegiada do Céu, a quem a augusta Virgem do Rosário se dignou confiar uma missão sublime, intimamente relacionada com os deveres que as circunstâncias dos tempos presentes impõem a todos os católicos em face da Acção Católica, que procura reconquistar a sociedade paganizada para a profissão da fé e prática da vida cristã com meios de apostolado modernos, não menos idóneos que eficazes.

Pode afirmar-se com verdade que o livro do rev.<sup>o</sup> dr. Fischer é um comentário científico, feito com inteligência e coração, destas quatro ideias fundamentais que resumem e sintetizam a vida da feliz confidente da Mãe de Deus: a santificação própria, a santificação da família, a santificação em volta de nós e a santificação da vocação.

Na sua carta-prefácio da versão francesa do livro «As Grandes Maravilhas de Fátima» (édition du Pelican, Rue Dussoubs, Paris, 2<sup>ème</sup>), Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, escreve o seguinte: «Por toda a parte, nas suas aparições, a Santíssima Virgem, repetindo as palavras de Nosso Senhor, convida-nos a fazer penitência (si poenitentiam non egeritis, omnes similiter peribitis, Luc., XIII, 5), a vigiar e orar (vigilate et orate, Mat., XVI, 41) para irmos a Jesus (ad Jesum per Mariam)». E acrescenta imediatamente: «Em Fátima faz-se penitência, vigia-se e ora-se».

É esta a missão providencial em que a augusta Rainha do Rosário investiu o glorioso santuário nacional da Lourdes portuguesa.

Fátima é Acção Católica. Fátima é apostolado. É Acção Católica, mas Acção Católica integral, isto é, actividade exterior alimentada pela chama sempre pura e sempre ardente da vida interior. É apostolado da oração e apostolado da acção.

A essência do cristianismo cifra-se no sacrifício e no amor. São êles a dupla fonte, perene e inexgotável, da Acção Católica. Constituem ambos o programa consolador do facto divino de Fátima. Pelo amor de Deus e do próximo e pelo sofrimento resignadamente aceite, a Jacinta ficou sendo, como diz o rev.<sup>o</sup> dr. Fischer, modelo infatigável de acção católica, amável modelo para o mundo infantil. E pode-se acrescentar: para todas as classes de pessoas, em todas as condições da sua vida sobre a terra.

Mas, dum modo especial, como friza ainda o ilustre professor, a vocação da Jacinta foi, através duma dolorosa doença, que ela até ao último suspiro suportou com admirável resignação, fazer penitência pelos pecados dos outros, expiá-los, repará-los.

Oxalá o público católico português, que tem acanhado com tanto favor as publicações do sábio escritor alemão, possa ter em breve o delicioso prazer espiritual de ler, trasladado a vernáculo, o seu último e valiosíssimo trabalho «Jacinta, a pequena flor de Fátima», que teve a honra de ser prefaciado pelo venerando Senhor Bispo de Mainz, Dom Luís Maria Hugo.

Visconde de Montelo

### Artigos religiosos

Os peregrinos da Fátima encontrarão à entrada da Avenida Central do Santuário, já dentro do recinto murado, duas casitas onde podem comprar artigos religiosos que ali estão à venda em favor do Santuário.

O Sr. António Rodrigues Romeiro — Fátima, é a pessoa encarregada pelo Santuário de mandar pelo correio os pedidos de artigos religiosos, livros sobre Fátima ou água do Santuário.

### UM NOVO LIVRO SOBRE A FÁTIMA

#### A florinha de Fátima

O Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Luís Maria Hugo, Bispo de Mayence, o mais zeloso propagandista da comunhão das crianças em toda a Alemanha, que criou na



Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Luís Maria Hugo, Bispo de Mayence (Mainz) Hesse, que prefaciou o novo livro em publicação do Rev. dr. L. Fischer «A florinha de Fátima»

sua diocese o «Secretariado da Comunhão das pequeninos» e presidiu à grande peregrinação das crianças a Roma, escreveu para o livro do Rev. dr. Fischer o seguinte Prefácio:

Desde que a Comunhão precoce atingiu aquela amplitude que, por vezes nos causa assombro, observamos, não raro, em certas crianças uma ansia enorme e heróica de perfeição — ansia muitas vezes coroada por graças extraordinárias do Céu.

Estas crianças têm, de-certo, uma missão apostólica a cumprir junto dos adultos.

É por isso que lemos com prazer e entusiasmo o que este livrinho nos conta sobre a pequena Jacinta, de idade apenas de 7 anos, falecida em Lisboa, em 1920, depois de longo sofrimento suportado com heróica resignação.

Este livrinho, devido à pena do dr. Luís Fischer, professor da Universidade de Bamberg, está escrito com união e entusiasmo.

Jacinta era uma das três crianças a quem N. Senhora se dignou aparecer na Cova da Iria.

O livrinho está, de antemão, destinado a comover e a elevar a alma do leitor e a incutir-lhe, ao mesmo tempo, um grande amor e confiança em N. Senhora de Fátima, por cuja intercessão junto de seu divino Filho grandes e sublimes coisas virão a realizar-se ainda em nossos dias.

Mogância, 4 de Abril de 1934

† Luís Maria, Bispo de Mogância

### Notícias do Santuário RETIROS

— A maior parte do Rev. Clero de Leiria fez o seu retiro espiritual no Santuário desde o dia 16 de julho a 21. Assistiu também o sr. Bispo. Funcionou pela primeira vez o 2.º andar da casa dos exercícios.

### PEREGRINAÇÕES IRMÃS DE S. VICENTE DE PAULO

Nos dias 3 e 4 de julho esteve no santuário um grupo de Religiosas de S. Vicente de Paulo dirigidas pelo Rev. Moné, superior da Igreja de S. Luís dos Franceses, em Lisboa. Fizem a sua peregrinação no maior recolhimento e piedade parecendo com os seus hábitos um bando de pombinhas brancas a cantar os louvores a Nossa Senhora.

A Virgem Santíssima proteja o seu Instituto e obras.

### OS AMIGOS DE SANTO ANTÓNIO

Promovida pela benemérita Associação — Amigos de Santo António — do Porto, esteve na Fátima uma numerosa peregrinação presidida pelo Rev.<sup>o</sup> Professor P.<sup>o</sup> Nédio e Sousa.

Eram perto de 400. Vieram em com-

boio especial até Leiria e seguiram para o Santuário em camionettes.

Gente boa foram dos que mais se dedicaram à fundação do Círculo Católico dos Operários do Porto que é a honra e orgulho dos operários católicos do Porto.

### PEREGRINAÇÃO DE BRAGA

Dirigida por Monsenhor Pereira Júnior, de Braga, com a colaboração de outros ilustrados sacerdotes esteve em Fátima uma peregrinação nos dias 17 e 18. Realizaram com muita piedade os actos dos peregrinos.

### SEMANA PREPARATÓRIA DA ACÇÃO CATÓLICA

Principiou no dia 3 de agosto a semana preparatória dos dirigentes da Acção Católica da diocese de Leiria da qual daremos notícias mais desenvolvidas no próximo número.

### Santo António proclamado Santo Padroeiro de Portugal

S.<sup>to</sup> António de Pádua (conhecido em Portugal como S.<sup>to</sup> António de Lisboa) foi proclamado Santo Padroeiro de Portugal por um Breve Apostólico, *Sanctae Romanae Ecclesiae*.

S.<sup>to</sup> António nasceu em Lisboa e passou a maior parte da sua vida em Portugal. Em Pádua só viveu por um curto espaço de tempo. O Breve declara que o Papa concorda com o desejo do Cardeal Patriarca de Lisboa e da Hierarquia Portuguesa que S.<sup>to</sup> António seja proclamado Padroeiro da sua nação.

Isto lembra que o Santo era português, que foi educado em Portugal e ali recebeu a sua formação religiosa e que a sua grande virtude produziu fruto naquela nação antes que passasse a outras nações da Europa.

Com justiça, diz o Breve, podem os Portugueses honrar este santo como celestial Padroeiro da sua nação.

(The Universe, jornal católico inglês)

### VOZ DA FÁTIMA

#### DESPESA

Transporte ... ..	450.830\$82
Papel, comp. e im. do n.º 142 (123.500 ex) ... ..	7.056\$75
Na Administração ... ..	192\$55
Franquias, emb. transportes, etc. ... ..	1.909\$85

Total ... .. 459.989\$97

#### Donativos desde 15\$00

Distrib. em Vila Nova de Fozcoia, 40\$00; Distrib. em Bougado — Trofa, 300\$00; Jorge Vareta — Tua, 20\$00; Joana Veiga — Lisboa, 20\$00; Lucinda Valente — Coimbra, 15\$00; Alberto Mendes — Coimbra, 20\$00; José Augusto Pires — Mangualde, 20\$00; P.<sup>o</sup> Lourenço — Sobrado de Paiva, 20\$00; Olinda Ferreira — Jardimópolis, 20\$00; António dos Santos Vieira — Orlândia, 1.000\$00; Distrib. em Silva Escura, 25\$00; Irmã Laura — Cabinda, 90\$00; Alberta Torquato — Porto, 15\$00; Leonardo Baião — Viana do Alentejo, 20\$00; Emília de Oliveira — Vilarinho da Lousã, 50\$00; Distrib. em Castelo Branco — Açores, 435\$00; M.<sup>o</sup> Celeste Leitão — Espozende, 40\$00; Distrib. em Lourinha — Molede, 30\$00; Firmino Abrantes — Mangualde, 15\$00; José do Esp. Santo — Amoreira, 15\$00; Teodoro das Neves — Amoreira, 15\$00; P.<sup>o</sup> António Maria Alves — Macau, 1.062\$10; Ana de Almeida Santiago, 30\$00; Maria Brito — Alportel, 15\$00; M.<sup>o</sup> Silva Santos — Lisboa, 20\$00; Eponina Teixeira — Brazil, 20\$00; Claudina Sampaio — Mesão Frio, 20\$00; Lourenço Machado — Braga, 27\$00; Adelaide Bastos — Lisboa, 15\$00; M.<sup>o</sup> do Carmo Rocha — Odivelas, 20\$00; António de Azevedo — Azurara, 20\$00; Clotilde Antunes — Tondela, 20\$00; Guilhermina Freitas — Famacão, 20\$00; Ana Torres Ferreira — Beiriz, 200\$00; António Tinoco — Porto, 20\$00; Distrib. em Paderne, 102\$00; Anónimas de Candelária, 20\$00; Alcina Neves — Infesta, 20\$00; José M. Lopes — Lagares, 20\$00; M.<sup>o</sup> Franco Antunes — Leiria, 20\$00; Distrib. por M.<sup>o</sup> do C. Pires — Porto, 17\$00; Julieta Fortuna — Porto, 15\$00; Rosa Mota — Porto, 20\$00; Ana Paulino, M.<sup>o</sup> Serpa, e Emília Gomes — Flores, 40\$00; Manuel Freitas Lúcio — Lages, 20\$00; P.<sup>o</sup> Augusto Teixeira — Açores, 20\$00; Sebastiana Nogueira — V.<sup>o</sup> Chã de Ourique, 30\$00; P.<sup>o</sup> Henrique Garcia — Almalaguez, 15\$00; José Sobreira — Caldas da Rainha, 30\$00; António Simões da Cunha — Adões, 50\$00; Virginia Madeira — Adões, 50\$00; António J. Cunha — Pedralva, 30\$00; Iria Cardoso — Rio de Janeiro, 15\$00; Frei António Hel-

Continúa na 5.ª página

# Graças de N. Senhora de Fátima

## EM JERUSALÉM

### DILATAÇÃO DOS OSSOS

— D. Maria Deolinda Vieira do Carmo — S. Miguel, Açores, diz o seguinte: «Há alguns anos que o meu neto Luís Eduardo Vieira de Andrade sofria de uma dilatação nos ossos nasais que lhe causava um grande sofrimento, impedindo-o muitas vezes de dormir e deixando-o extremamente nervoso em virtude da dificuldade de respiração.

Por várias vezes se consultaram os médicos, sendo todos de opinião que o doente só obteria a cura submetendo-se mais tarde a uma operação cirúrgica.

No dia 4 de Junho, contava meu neto quasi seis anos de idade, comecei a lavar-lhe o nariz com água do Santuário da Fátima fazendo ao mesmo tempo uma novena em honra de Nossa Senhora.

A-pesar-da minha indignidade, o resultado foi o seguinte: desde o primeiro dia em que lhe fiz a aplicação da água do Santuário até agora nunca mais o meu neto sentiu o mais pequenino incómodo nem a mais leve dificuldade de respiração.

Felizmente, todos o julgamos curado, pois há mais dum ano que deixou de sofrer passando sempre admiravelmente bem desde então para cá, favor este que não podemos atribuir senão à Maternal protecção de Nossa Senhora da Fátima».

### FEBRE INTESTINAL

—Minha esposa, Maria Ferreira do Rosário, foi fortemente atacada pela febre intestinal. Elevou-se tanto que por algum tempo lhe transformou por completo o juízo, levando-a a pedir-me instantaneamente que a matasse com um revólver, ou então que se matava ela ingerindo uma pedra de sulfato!

Vendo-me assim tão desgostoso e desanimado dos remédios da terra, pedi, com a maior confiança possível, a Nossa Senhora da Fátima que curasse a minha mulher, e prometi ir com ela a Fátima agradecer à Santíssima Virgem o grande benefício da cura se esta lhe fosse concedida. E, oh! poder divino! desde então não tornou mais a ter a mínima aflicção nervosa no cérebro, e hoje todos quantos então a consideravam doída para sempre, a têm já por completamente sã, favor impagável que Nossa Senhora da Fátima se dignou fazer a toda a minha família.

Brunhido

Augusto Dias Ferreira

### NEURASTENIA

— O Rev. P.<sup>e</sup> Joaquim A. dos Reis — Igreja de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Conceição — Pórt, diz em carta o seguinte:

«Para edificação dos devotos de Nossa Senhora e em honra e glória da Mãe do Céu, e ainda a pedido da família directamente interessada, venho narrar o seguinte caso, de que sou testemunha ocular:

Bernardino José de Oliveira, ancião de cerca de 80 anos, empregado nesta Igreja, viu-se acometido duma neurastenia aguda que em breve o levou à loucura. Tratado por dois médicos sucessivamente, um declarou que «era relógio com a corda gasta» e o outro aconselhou a família a recolhê-lo a um hospício adequado. A família, porém, que sentia a ausência embora temporária do seu chefe querido, recorreu a Nossa Senhora da Fátima que é a Saú-de dos Enfermos, a quem fez os seus votos. Em breve o doente, ainda sob o delírio, dizia ver Nossa Senhora da Fátima; mas, em breve, foram-se-lhe normalizando as faculdades mentais, estando já perfeitamente bem. Ele e sua família agradecem publicamente a Nossa Senhora o benefício recebido, e de muito boa vontade pagam as suas promessas numa romagem de piedade filial aos pés de Nossa Senhora da Fátima a doce Rainha de Portugal».

### GRAÇAS DIVERSAS

— Maria Azevedo Maia — Vila do Conde, agradece uma graça particular que recebeu do Sag. Coração de Jesus por intermédio de N. Senhora da Fátima e de S. Teresinha do Menino Jesus.

— Emilia Cândida de Almeida e Silva — Alenquer, tendo obtido por intermédio de N.<sup>a</sup> Senhora da Fátima a cura de sua mãe que estava desenganada pelos médicos, vem cheia de gratidão agradecer-lhe graça tão consoladora.

— António Valente da C. Júnior—Pórt de Tonca, não conseguindo com a medicina alcançar a saúde que havia perdido, confiou-se a Nossa Senhora da Fátima, de quem depois de algumas promessas, obteve a cura tão desejada.

— Clotilde Raposo de Sousa de Alte — Alenquer, diz: «venho pedir o favor de publicar no seu jornal «Voz da Fátima» o meu reconhecimento a Nossa Senhora, por uma graça muito grande que recebi do Céu por sua maternal intercessão junto de Deus».

— Maria Isabel — Lisboa, agradece a Nossa Senhora duas graças temporais que se dignou alcançar-lhe por sua maternal bondade.

Quiz a divina Providência e o carinho maternal de Maria que eu, no princípio do Ano Santo de 1933, fôsse apresentado, em Basileia, por Mons. Maeder, director da Sentinela, ao Dr. Luis Fischer, o arauto alemão de Nosso Senhora de Fátima.

A primeira pergunta que o Dr. Fischer fez ao peregrino da Terra Santa foi a seguinte:

— Sabe a razão porque Nossa Senhora de Fátima aparece sempre nos dias 13?

— Porque Nossa Senhora morreu no dia 13 de Agosto, respondi eu alegre e sorridente.

Era, talvez, uma afirmação ousada a minha, mas o Dr. Fischer partilhava

mas foi de tal forma prevalecendo que a palavra «Dormição» desapareceu quasi por completo.

Qual seria, pois, o objecto dessa festa?

Como as palavras indicam, o seu fim primário era festejar o santo passamento de N. Senhora, e os secundários a admissão da sua alma à contemplação da visão beatífica e a subida do seu santíssimo corpo ao Céu, segundo é crença firme e constante desde os primeiros séculos da Igreja. Esta subida do corpo de Nossa Senhora ao Céu foi designada pelo nome de Assunção.

Não se trata, porém, de demonstrar aqui a Assunção de Nossa Senhora ao

tejada a 15 de Agosto ou antes desse dia? No caso de dever ser festejada antes, quais os dias que para isso poderiam ser tomados em consideração?

Na resposta a esta pergunta não podemos socorrer-nos da história visto ser de todo impossível provar se a escolha do dia 15 de Agosto para a festa de N. Senhora tem alguma base ou fundamento histórico.

Outrora, entre os Coptos e os Árabes, realizava-se a festa no dia 16 de Janeiro e, entre os Visigodos, a 18 do mesmo mês. Mas desde que o imperador grego Mauricio (588-602) transferiu, por decreto, a festa da morte de Maria para o dia 15 de Agosto, tornou-se esta data a predominante.

Foi em virtude desse decreto que, nos últimos tempo, os católicos da Guatemala, na América Central, concluíram, erradamente, que Maria morrera, de facto, em 15 de Agosto, começando desde então a festejar com autorização de Roma a Coroação de Maria no dia 18 do dito mês.

Como, por um lado, é impossível provar a luz da história a data da morte de Maria e, pelo outro, predomina actualmente a opinião da Assunção de Nossa Senhora ao Céu no dia 15 de Agosto, é evidente que a morte de Maria deve ser festejada antes do dia 15. Para se calcular o dia exacto seria necessário, primeiro que tudo, saber quantos dias depois da sua morte o seu santíssimo corpo se uniu de novo à sua alma. Uns, com santa Brígida, dizem que esta união se operou catorze dias depois; outros, com santa Isabel de Schönau, quarenta, e ainda outros, com Maria de Agreda e Catarina Emmrich, três.

Esta última opinião está de perfeito acôrdo com as mais antigas tradições gregas e latinas, como se prova pela história Euthymiana, reforçada pela autoridade de S. João Damasceno e do Breviário Romano. Na dita história encontra-se o seguinte, que reproduzimos nos seus passos principais.

Desejando a imperatriz Pulchéria (453) e seu marido, o imperador Marciano, guardar a reliquias de N. Senhora numa Igreja por ele construída em Constantinopla, foi-lhes respondido pelo Patriarca Juvenal de Jerusalém, o seguinte:

Nos santos e inspirados Evangelhos não se contém na verdade, acerca da morte de Nossa Senhora, mas, segundo uma antiga e veneranda tradição, sabe-se que os Apóstolos, ao tempo da sua gloriosa morte, percorriam o mundo na propagação de fé. Mas, num momento, foram todos conduzidos pelo ar a Jerusalém e quando ali chegaram tinha Maria um rosto de anjo, ouvindo-se ao mesmo tempo um côro divino cantado pelas potestades celestes. Assim entregou, ao som desses coros, a sua santa alma a Deus. Aquêlo corpo bendito, que trouxera Deus no seu seio, foi sepultado no Gethsemani e desceu ao sepulcro por entre cânticos e hinos de ouvor dos Anjos e dos Apóstolos. Estes cânticos não cessaram durante três dias e quando, ao terceiro, deixaram de se ouvir, acorreram todos ao túmulo — já então em companhia de Tomé que só chegara depois da morte de Nossa Senhora — abriram-no, mas o seu santíssimo corpo já ali não estava. Encontraram apenas os panos em que Ela fôra envolvida e dos quais re-cendia um ador suavíssimo.

Fecharam-no outra vez e cheios de admiração e assombro à vista de tão estupendo milagre, concluíram que aprou-

rodeada dum resplandecente côro de Anjos, a qual lhes disse: «A paz seja convosco. Eu estarei sempre no meio de vós». Saudou-os e consolou-os empregando as palavras de seu próprio Filho. Estes, ao vê-la, exclamaram: «Santa Mãe de Deus, protegi-nos!»

Em seguida dirigiram-se ao lugar onde N. Senhora fôra sepultada e não encontrando ali os seus restos mortais concluíram que Ela, à semelhança do seu divino Filho, tinha ressurgido dos mortos e subido ao Céu onde reinaria com Cristo por toda a eternidade (3).

De harmonia com esta tradição, celebram as Clarissas de Lisboa, desde o séc. 18, a festa da Boa-Morte no dia 13 de Agosto. Por um decreto da S. C. dos Ritos de 5 de Dezembro de 1917, foi esta festa estendida a todos os conventos franciscanos de Portugal.

Foi, pois, Portugal, durante muito tempo, o único país que comemorou no dia 13 de Agosto a festa litúrgica da morte de Maria. Se, portanto, Maria distinguia este país com as miraculosas aparições dos dias 13, em Fátima, não será esta uma prova clara e evidente de quanto lhe é agradável a comemoração da sua santa morte e que, em atenção a ela, desejará dispensar-nos a todos grandes graças para obtermos uma morte santa e feliz?

Segundo alusões feitas por Maria nos últimos decénios, por ocasião de aparições suas, chegamos a um tempo em que os maus podem dar largas aos seus instintos e paixões, de maneira que a morte não tardará a fazer uma boa colheita. *Todo o nosso século vai a encontrar duma morte violenta e terrível.*

Por esse motivo, não parece despropositado festejar e contemplar, agora mais do que nunca, a morte de Maria para que a nossa súplica quotidiana «rogai por nós agora e na hora da nossa morte» se torne cada vez mais viva e eficaz.

Ninguém rejubilaria mais que os habitantes da «Dormição» se a santa Igreja, em atenção a Fátima, instituisse uma festa da morte de Maria, no dia 13 de Agosto. Uma missa própria da sua morte foi já permitida à «Dormição» no ano jubilar de 1925. Esta linda missa pode ser celebrada em todos os dias do ano, excepto no Natal, Páscoa, Pentecostes e 15 de Agosto por ser o dia da festa titular do convento da «Dormição».

Como se vê, no dia 15 de Agosto, que outrora tinha o nome de «Festa da Dormição» já não é permitido, nem sequer no seu próprio convento, celebrar a missa desse nome, mas somente a da Assunção de Nossa Senhora. Isto prova como no decorrer dos séculos, se alterou a litúrgia do dia 15 de Agosto.

Como a missa da Assunção foi fixada para esse dia, ficou a festa e missa da «Dormição» de Nossa Senhora sem dia próprio. Era pois necessário destiná-lhe outro. Qual? Eis senão quando, em Fátima, nos vem em auxílio a própria Rainha do Céu. Os dias 13 de cada mês, especialmente o dia 13 de Agosto devem ser dedicados ao mistério do seu beina-aventurado passamento para que Ela nos assista a todos na hora tremenda e incerta da nossa morte.

Fátima procura uma explicação para os dias 13, e a «Dormição» dá-lha; a «Dormição» procura um dia de festa, e Fátima oferece-lho.

Que Roma nos dê a sua bênção para o conseguirmos.

Que Nossa Senhora nos ajude naquilo que Ela e nós tanto desejamos!



Abadia da Dormição de Nossa Senhora levantada pelos Beneditinos em Jerusalém para comemorar a morte da Virgem Santíssima

também da mesma opinião, como o prova o seu artigo de 13 de Agosto de 1933, publicado no Mensageiro de Fátima.

Se N.<sup>a</sup> Senhora pelas suas aparições nos dias 13 nos queria dar a conhecer o dia certo da sua morte, então, é fora de dúvida que existe uma relação muito íntima entre as duas vezes milenária Abadia da «Dormição», em Jerusalém, e o novo Santuário da Rainha do Rosário, na longínqua Fátima. Para tentar esclarecer este caso foram escritas as linhas que se seguem.

O passamento de Maria, a sua Assunção ao Céu é a mais antiga de todas as festas de Nossa Senhora. Foi sempre preo-ocupação da santa Igreja comemorar festivamente o dia da morte dos mártires e, um pouco mais tarde, também a dos outros santos. Estas festas chamavam-se *Natale* ou *Natalitia* isto é, nascimento para o Céu. Por esta mesma razão começou o passamento de Maria a ser festejado desde muito cedo. A primeira notícia duma festa dedicada a Maria encontramos-la nos conventos dos monges da Palestina. Já no séc. V era ali festejado um dia comemorativo da Mãe de Deus.

Na opinião de Henrique Kellner (1) trata-se aqui, segundo todas as probabilidades, da festa do passamento de Maria. O que, porém, não oferece dúvida é que no séc. VII já os cristãos dos Lugares Santos conheciam uma festa da morte de Maria a que chamavam *Koimásis*, tendo, sobre esse assunto, chegado até nós alguns sermões, como o do Patriarca Modesto de Jerusalém († 634), os de Andreas Cretensis († 720) e os de Germano de Constantinopla († 733).

A festa tinha a princípio, de harmonia com a designação grega, os nomes de *Dormitio*, *Pausatio*, *Deposio* B. M. V. — Dormição, Passamento e deposição de N. Senhora.

Nos mais antigos evangelários latinos encontra-se muitas vezes a palavra *Natale* com essa significação. O nome de Assunção, ou melhor, acolhimento, recepção de Nossa Senhora no Céu, aparece, pela primeira vez, no séc. VIII,

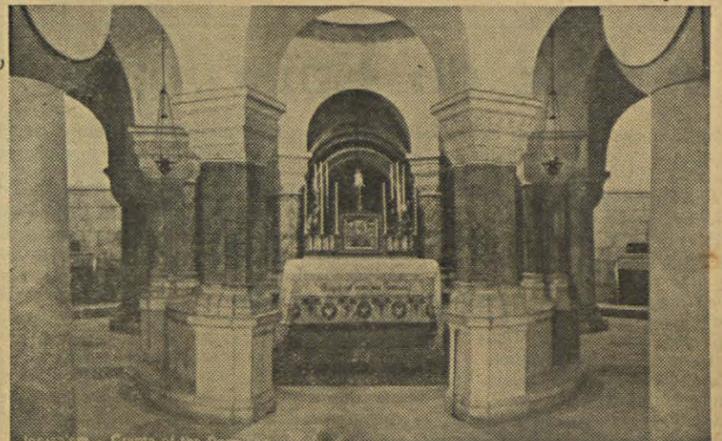
Céu. A convicção deste sublime privilégio da Mãe do Salvador existe de tal modo viva e radical na consciência e no coração dos fiéis que estes com extremos de amor filial, envidam, em todo o mundo, os maiores esforços para se obter da S. Sé a definição dogmática da sua Assunção ao Céu. Segundo todas as probabilidades, não virá longe o dia em que seja oficialmente reconhecido a Maria o que, há já séculos, foi reconhecido pelo coração de todos os seus filhos.

Mas, quanto mais se for radicando na Igreja e na consciência dos fiéis a convicção da subida do corpo de N. Senhora ao Céu, tanto mais distinto se irá tornando este mistério do mistério da sua santa morte. Uma vez defenido como dogma este altíssimo privilégio de Maria, será necessário dedicar-lhe uma festa própria e exclusiva, a qual não poderá ser outra senão a actual festa da Assunção. E se é certo que a festa da Assunção encerra já em si a morte e a transfiguração da alma de Maria, e se em séculos idos era a sua morte que, de preferência, se queria realçar — hoje, pelo contrário, a maioria dos católicos liga a esta palavra apenas a ideia da subida do seu corpo ao Céu.

Por esta excessiva acentuação da subida ao Céu poderia o pensamento da santa morte de N. Senhora ser relegado para plano secundário o que, de certo, nenhuma vantagem traria, antes pelo contrário. O mistério da morte de Maria, tão venerado pelos antigos cristãos, merece que lhe dediquemos uma atenção muito especial. Se a ressurreição do seu corpo é a imagem do que nos espera no fim do mundo, a sua santa morte é o simbolo daquilo que nos há-de acontecer no fim da vida.

A separação da alma do seu invólucro mortal e a transfiguração do nosso corpo no juízo final existem, no pensamento e no tempo, muito distanciadadas uma da outra. Portanto, para nosso proveito espiritual, seria incomparavelmente melhor que os dois mistérios da vida da nossa Mãe celestial fôssem festejados com festas distintas.

Deverá a morte de N. Senhora ser fes-



Crypta da Igreja da Dormição onde se venera Nossa Senhora em Jerusalém

vera Aquêlo que se dignou tomar carne, nascer e fazer-se homem nas suas puríssimas entranhas, ficando Ela sempre pura e imaculada, honrar também essa pureza ainda depois da morte, tornando o seu corpo incorruptível, subtraindo-o assim à ressurreição comum no juízo final (2).

No Horolégio da Igreja grega diz-se que os Apóstolos, ao terceiro dia, depois da morte e deposição de Maria vieram, por sobre as suas cabeças, quando se encontravam reunidos, a Mãe de Deus

Dr. Benedito Stolz, da Abadia do Passamento de Maria, em Jerusalém.

(Tradução do alemão)

(1) Heortologia ou o ano eclesiástico e as festas dos santos na sua evolução histórica, Friburgo, 1911.  
(2) Euthymii hist. lib. III. Cap. 4.  
(3) Nilles, kalendarium manuale utriusque ecclesiae orientalis et occidentalis, Innsbruck, 1896.

VISADO PELA CENSURA

### VOZ DA FÁTIMA

Continuação da 2.<sup>a</sup> página

vetia — S. Paulo, 156\$00; Maria Gamito — Lisboa, 20\$00; Augusto Payzinho — Carcavelos, 50\$00; José D. Beleza — Matozinhos, 20\$00; António C. Bernardino — Brasil, 15\$00; Beatriz Rodrigues da Silva — Agueda, 100\$00; Cónego Nogueira — Coimbra, 20\$00; Joubert Valente — Lourenço Marques, 20\$00; P.<sup>e</sup> Joaquim dos Reis — Pórt, 100\$00; António F. Moreira — Leça de Palmeira, 20\$00; Silvânia da Silva — Leça de Palmeira, 20\$00; José da C. Sampaio — Lousada, 20\$00; Ana Augusta de Oliveira — Évora, 50\$00; Maria Vahia Tri-

gueiros — Fundão, 20\$00; Olímpia Teixeira — Brasil, 20\$00; Ilda Pedrosa — Braga, 25\$50; João Frazão — Pernes, 40\$00; Distrib. em Cabêco de Vide, 50\$00; Inês Macehi — Milano, 15\$00; P.<sup>e</sup> António Rodrigues — Vermoil, 20\$00; José Leite — Braga, 15\$00; Distrib. na Igreja dos Terceiros — Viseu, 28\$25; P.<sup>e</sup> Francisco de Babo — Ermezinde, 21\$50; Peregrinação dos Amigos de S. António — Pórt, 50\$00; Distrib. na Igreja de S. Cristóvão — Lisboa, 268\$00; Cristina de Lemos — Madeira, 20\$00; M.<sup>e</sup> Peres de Oliveira — Mação, 15\$00; Distrib. em Maceira de Carvoeiro, 21\$50; P.<sup>e</sup> Tomás de El Campio — Mértola, 20\$00; Distrib. em Arouca, 45\$00.

# CRUZADOS DE FÁTIMA

## Cruzada bem dita!

O livro, tão interessante como notável, que tem por título «O Povo Português», da autoria do grande jornalista e escritor sr. dr. Bento Carqueja, cita o número 99,8 como percentagem que o censo de 1900 marca sobre a população religiosa portuguesa.

«Em 1900, diz textualmente o illustre professor universitário e director do *Comércio do Porto*, 99,8 por cento seguia a Religião Católica».

Hoje, trinta e quatro anos depois, a pesar da violência da propaganda demagógica desencadeada contra a Igreja na época que precedeu e se seguiu imediatamente à implantação do novo regimen e tendo em linha de conta o intenso ressurgimento religioso que se tem operado nos últimos tempos, essa formidável percentagem, se não aumentou ainda mais, de certo também não diminuiu dum modo apreciável.

Como foi possível, pois, que os católicos portugueses durante tantos anos, tivessem sido alvo das mais duras e ignóbeis perseguições?

Como se explica que a Santa Igreja se visse humilhada nas pessoas dos seus venerandos Prelados, insultada e caluniada no seu clero secular e regular, oprimida e privada do uso dos seus direitos e das suas liberdades e expoliada dos seus bens temporais?

Como sucede que ainda hoje as Ordens e Congregações religiosas vivam num regimen de mera tolerância, numa situação excepcional de favor, à mercê dum golpe traiçoeiro proveniente de qualquer mutação no cenário da vida política, cujo perigo as ameça constantemente como uma verdadeira espada de Damocles, a pesar das boas e até cordiais relações diplomáticas existentes entre o governo português e a Santa Sé e entre o poder civil e os detentores da autoridade eclesiástica e a pesar da atmosfera de paz e benevolência social que as envolve, graças em grande parte ao respeito da ordem pública assegurado pela ditadura militar?

É que muitas centenas de milhar e mesmo alguns milhões de católicos, espalhados por todo o território nacional, são católicos apenas de baptismo e de nome, sem convicções íntimas e profundas, ou católicos sem a consciência nítida do seu nome, da sua força e do seu valor, ou ainda católicos ignorantes, tibios e comodistas.

Mas, ainda que os católicos verdadeiramente dignos deste nome, católicos de *Credo* e mandamentos, perfeitamente conscientes das suas graves obrigações como indivíduos e como cidadãos, constituam um número elevado em relação à massa total da população, a falta de organização em que se encontram, não lhes permite valorizar os seus esforços e as suas energias e dar-lhes a necessária eficácia, cujo segredo consiste na união e cooperação metódica e disciplinada de todos entre si e sob a direcção efectiva dos chefes legítimos.

Tal é precisamente o objecto primário da Acção Católica que é, quanto à sua organização e às suas modalidades, uma cousa inteiramente nova entre nós e que tem por fim ganhar para Deus e para a Igreja a sociedade pagанизada, estabelecendo nela o reinado efectivo, teórico e práctico, dos princípios e práticas cristãs.

É mister, porém, fornecer à autoridade eclesiástica, que está procedendo à mobilização geral das forças católicas em todo o país para a batalha pacífica e incruenta da reconquista cristã, os meios pecuniários de que carece para essa empresa colossal e gigantesca, de que depende o futuro político e social da nossa Pátria e a felicidade dos indivíduos e das famílias.

É essa a grande e benemérita tarefa da Pia União dos Cruzados de Fátima que, mercê de Deus, está a expandir-se dum modo extraordinário e quasi prodigioso propondo-se, como escreve o illustre Prelado do Porto, «fazer colecta geral entre os católicos portugueses de todas as classes e condições a favor da Acção Católica».

Oxalá que todos aquêles que prezam sinceramente a glória de Deus e o bem das almas oiçam o brado veemente, o apêlo vibrante, do venerando Senhor Bispo Conde de Coimbra, alma generosa, ardente e entusiástica de moço em corpo alquebrado de ancião: «A todos me dirijei e a todos digo: levantai-vos, trabalhai, formai trezenas!»

Que nenhuma freguesia ou corporação fique estranha a este movimento bemdito!

*Adveniat regnum tuum».*

Visconde de Montelo

## A Voz do Episcopado

Continuamos a publicar extractos dos documentos até agora publicados pelos Venerandos Prelados de Portugal acerca dos Cruzados de Fátima:

*Do Sr. Bispo da Guarda:*

«É com todo o fervor da nossa alma que suplicamos a todos os nossos amados diocesanos que se empenhem com todo o interesse na organização da Pia União dos Cruzados de Fátima, como uma obra urgente que Deus nos pede e o nosso bem-estar reclama».

Esta diocese tem a glória de solenes afirmações práticas da sua fé, dum obediência exemplar às directivas da Santa Igreja, dum zelo esclarecido pelos triunfos de Deus.

Por outro lado, ela tem sabido manter a flama do amor para com a Mãe Imaculada, que um dia desceu amorosa e claramente às terras de Fátima, a uma altura e num fervor que ninguém conseguiu ainda exceder. Testemunho desse amor ardente são os monumentos que em vários lugares da diocese se levantam como centro de piedosas e impressionantes peregrinações.

Pois bem: trata-se de glorificar a Santíssima Virgem pela forma que lhe é mais querida, que é a glorificação de Jesus pelo seu triunfo nesta Sua terra de Portugal.

Não foi para outra coisa que Nossa Senhora desceu à erna charneira de Fátima, nem outra coisa pediu aos ino-

centes pastorinhos que tiveram a ventura de ouvir a sua voz celeste e maternal.

Procurai, pois, amados diocesanos, com um denodo que seja a expressão da vossa mesma vida cristã, e com a urgência que reclamam tantos males que é preciso combater, propagar esta cruzada redentora, multiplicando em todas as classes sociais as Trezenas da Pia União.

Os próprios mortos, os vossos queridos defuntos podem ser inscritos, porque também podem partilhar dos preciosos bens espirituais, que a obra confere a todos os que dela fazem parte.

O Clero e os Seminaristas devem ser os primeiros arautos deste belo movimento em que está empenhada a glória de Deus e a salvação de Portugal. Depois as associações religiosas, as confrarias, os colégios, escolas, todas as obras católicas de não importa que natureza, sexo, idade ou condição, tomem o encargo de trabalhar na organização dos Cruzados de Fátima como a primeira obra de apostolado que Deus lhes pede nesta hora.

Nos campos e nos povoados, nas cidades e nas aldeias, nas fábricas e nas oficinas, em toda a parte, emfim, onde haja almas zelosas da sua salvação e da salvação dos seus irmãos, deve erguer-se esta cruzada magnífica de resgate.

Sem tibiezas e sem desfalecimentos,

em nome da caridade, que é feita de sacrifícios e de benemerências, com uma só alma e um só coração, unam-se todos os católicos, para que esta grande causa triunfe nesta Nossa tão querida e amada diocese.

Pedro o Eremita fez um dia erguer na Europa a sua voz inflamada neste brado apostólico: *Deus o quiere*. E viram-se então os cruzados avançar, através de todos os perigos, para arrancar às mãos dos infieis o túmulo de Jesus Cristo.

Há hoje em Portugal milhões de almas que se tornaram, pelo pecado, túmulos de Jesus: é preciso conquistá-las, transformá-las pela graça na morada amorosa do Mestre Divino.

Deus o quiere, dizemos Nós também com igual verdade.

Deus quiere que homens e mulheres, novos e velhos, ricos e pobres, se deem as mãos para esta nova cruzada, que pretende implantar nas almas e na sociedade a «paz de Cristo no reino de Cristo».

Que a diocese toda, cheia de fé e de força, trabalhe nesta grande obra, que Deus nos pede para glória Sua e salvação nossa.

Confiamos o seu êxito ao zelo do Clero e aos fiéis de boa vontade. Com o Santo Padre Pio XI a todo êsses «instantemente exortamos no Senhor a que não se poupe a nenhum trabalho, não se deixem vencer das dificuldades, mas cada vez cobrem maior ânimo e sejam fortes».

E agora repetimos com S. João Crisóstomo: «Amados diocesanos com as vossas esposas, com os vossos filhos e com os vossos servos, partamos para esta santa expedição, e arranquemos às garras de Satanás as almas que ele fez prisioneiras. Não abandonemos o trabalho, enquanto não fizermos tudo quanto nos for possível. «Maridos; dizei isto às vossas esposas; esposas, dizei-o aos vossos maridos; pais, dizei-o aos vossos filhos; e que os amigos o repitam muitas vezes aos seus amigos».

«Para que em tudo e sobretudo reine e impere Cristo, a quem só seja dada honra, glória e poder por todos os séculos dos séculos». *Adveniat regnum tuum».*

*Do Sr. Bispo de Viseu.*

«Foi canonicamente erecta há um mês no Santuário de Nossa Senhora de Fátima por Autoridade e Provisão do prelado Bispo de Leiria a Pia União dos Cruzados de Fátima, a que foram dados Estatutos que mereceram a aprovação de todos os Senhores Bispos Portugueses, uma vez que por sua índole e fins, esta associação pode e pretende atingir com seus benefícios espirituais e acolher benignamente os fiéis de todos os Bispos de Portugal.

A devoção a Nossa Senhora da Fátima, que hoje enche toda a terra portuguesa, para mais se conformar com a mente da Santa Igreja e não se diminuir, adulterar e perder nas formas individualistas que caracterizam tantas das nossas devoções deve possuir-se do espírito de catholicidade e tornar-se ao mesmo tempo o preito ordenado, permanente e universal da Pátria agradecida à Mãe Celeste que se dignou visitá-la.

As multidões de Fátima e os cultos que por nossas terras se repetem copiosamente nos dias 13, são expressão eloquente da piedade nacional e da entereza gratidão dos portugueses para com a Virgem Nossa Senhora.

Mas os Bispos, guardas da fé do povo português e seus cuidadosos guias, viram que era possível sublimar este movimento-milagre, o mais audacioso desafio que a Providência divina e a Misericórdia de Maria podiam oferecer à impiedade do nosso século e às arrebetadas dos inimigos de Deus e perseguidores da sua Igreja na terra cristã de Portugal.

Tornou-se Fátima a piscina probática dos pecados da nossa Nação; e misteriosamente guiados pelas mãos de Maria Santíssima ali correm pecadores sem conto a buscar fé para a inteligência em trevas, e, entre lágrimas, perdão para a consciência em culpa.

Se cada devoto de Fátima, com visão ampla e sobrenatural, quizesse elevar este culto filial a Nossa Senhora, e, procurando por ele em primeiro lugar a própria santificação, depois se devotasse a suplicar àquela terna Mãe pelos seus irmãos que partilham a mesma devoção, pelos pecadores que ainda não viram nela o verdadeiro e seguro Refúgio, pelos enfermos que lacrimosos a imploram, por todos os necessitados que lhe choram suas queixas e precisões, e sobretudo pela restauração da vida cristã em nossa Pátria por meio dessa forma excelente de apostolado que é a Acção Católica — assistiríamos em breve ao mais estupendo dos milagres de Fátima — o alinhamento dum

exército incontável de almas disposto da mais valiosa das forças, a oração — condição e garantia segura de todas as vitórias nos combates do espírito.

Pois não foi outro o pensamento, e é êsse o anseio dos vossos Bispos: convocar e reunir em volta da bandeira de Nossa Senhora de Fátima a grande legião dos seus devotos que devem ser todos os portugueses bem nascidos; formar uma cruzada nacional de oração a que juntaria cada um o minguado sacrificio dum esmola, porque é agradável a Deus sacrificar-Lhe alguma coisa do que é nosso; e desta sorte ter bem acendida em cada terra e em muitos lares a chama colhida no brazeiro de fé, oração e sacrificio que é a Cova da Iria, e com ela atear o apostolado da Acção Católica, que é apostolado também de fé, oração e sacrificio.

Sim, dilectíssimos Filhos, a nossa fé é tímida e hesitante: carece de tomar aquelas formas desvolutas que fazem esplêndido e comovente o espectáculo das grandes jornadas de Fátima. Quando se tornar sincera e ardente, enchendo de graça e luz todos os actos da nossa vida quotidiana, ela será edificante e há-de atrair ao Reino de Deus almas errantes, talvez bem próximas de nós, sequiosas de um amor que é o nosso amor a Cristo, sonhadoras dum felicidade misteriosa, que é a nossa felicidade e paz em Cristo.

Sim, dilectíssimos Filhos, a nossa oração, talvez confinada e por demasia terrena nas aspirações, verbalista na expressão, pobre de sinceridade e de vida, precisa de ser toda confiança na bondade do Pai Celeste, termo dos nossos cultos como é cheia de confiança em Maria Santíssima quando ajoelhamos na terra abençoada de Fátima.

Temos necessidade de fazer da oração veemente e perseverante a arma da nossa defesa, a garantia de êxito de nossas empresas, e por ela elevar-nos à grande glória de sermos os mediadores, associados a Jesus Cristo, na obra de salvação de nossos irmãos. Que hoje um filho da Igreja, no meio das contradições que o cercam, não pode pensar em salvar-se só; sente, porque lhe pede o seu amor a Jesus Cristo e às almas, a necessidade de trabalhar orando e orar trabalhando pela salvação do próximo.

É urgente transportar aos nossos lares e aos nossos tempos aquêlles fervor sobrenatural que em Fátima nos eleva acima deste mundo para mais nos aproximar de Deus.

Sim, dilectíssimos Filhos, contrasta milagrosamente com o horror doentio a todo o sacrificio e privação, a soma de penitências em que se purificam e elevam os peregrinos de Fátima.

A carne humana ulcerada de sensualidade, só se resgata e sara pela mortificação; o tormento de ambição e gozos incontinentes tempera-se e corrige-se pela privação voluntária do que é nosso, oferecido e imolado à glória de Deus e em lucro das almas.

Pelas nossas penitências seremos salvadores, pelas nossas oblações ajudaremos a Igreja espoliada e pobre a dilatar o seu apostolado, que em todos os tempos se exerceu ao preço dos sacrificios da multidão fiel.

Abraçando este programa os «Cruzados de Fátima» há-de levar a Portugal inteiro aquêlles fogo sagrado que crepita na terra bem dita das aparições.

Como não ambicionará o Nosso Coração de Pastor ver os seus Filhos espirituais a ingressarem às legiões nesse movimento de restauração cristã?

Por isso, como a defender causa de suma valia, exortamos os Sacerdotes Nossos muito queridos cooperadores à pregação desta Santa Cruzada.

Falando dela aos fiéis colherão azado motivo de congregar os elementos aproveitáveis que existem dispersos pelas freguesias e lugares do Bispado, com que hajam de estabelecer um ou outro dos organismos da Acção Católica.

Quando a fé parece emigrar de nossas terras, ao mesmo tempo que muitas almas escolhidas tem ânsia de alimentar uma vida cristã mais intensa, olhamos desolados as fileiras dizimadas do Nosso Clero. É temerosa a desproporção entre a imensidade da seara diocesana de almas a colher para Jesus Cristo e o número apocado de obreiros por vocação lançados na santa tarefa.

A convocação dos filhos da Igreja que reúnem as qualidades precisas para darem ao seu Bispo na Diocese e ao seu Pároco na freguesia cooperação leal e efectiva, nunca foi mais oportuna.

Estamos persuadido de que o apostolado humilde, quasi imponderável porque é sobretudo de auxilio espiritual da «Cruzada de Fátima», vai fazer despontar uma floração de boas vontades que dando à Igreja acção e sacrificios, serão com o pouco Clero que com-Nosso coopera, os reconstrutores da vida cristã em muitas fregue-

sias, os reorganizadores da ordem paróquia em ruínas e na Diocese os fortes elementos de coesão e de disciplina a apontarem aos fiéis menos esclarecidos, na hierarquia no Sacerdócio a fonte imediata da vida sobrenatural, e no respeito e obediência que lhe são devidos o culto da unidade da mesma Igreja.

Queremos, queridos Filhos, que em Nossa Diocese, esta Pia União seja antes de tudo um forte auxilio de vida sobrenatural; se alguém se lançasse a propagá-la só na mira de, por hábil montagem, avolumar colectas, feitas embora de contribuição parcimoniosa, ganharia a Nossa formal reprovação.

As almas conquistam-se sobretudo pela oração e pelo sacrificio; o Sangue de Jesus foi o seu maior preço.

Há-de ser êste apostolado espiritual dos «Cruzados de Fátima» que afervorará em muitos fiéis o culto da abnegação, do zelo, da renúncia, virtudes que devem informar as almas dos trabalhadores da Acção Católica.

Mesmo os pequeninos Cruzados, sabendo que, pelo seu óbulo e pela sua oração, são tidos por valores apreciáveis da grande obra da restauração cristã; irão dia a dia ganhando personalidade, e aprendendo que na formosa sociedade das almas, que é a Igreja, é contado e rendoso o esforço de grandes e pequenos, alma e coração se lhes há-de abrir ao cometimento de maiores sacrificios.

Abençoe a Virgem Nossa Senhora estas nossas esperanças que crescem à medida que se torna visível a Sua predilecção por nossa amada Pátria.

Que o Espírito divino, Amor increado do Pai e do Filho, e autor de todo o dom que desce do céu dê por esta obra à terra portuguesa um Pentecostes de salvação.

Para a propaganda da Pia União dos Cruzados de Fátima, no Bispado de Viseu Havemos por bem determinar o seguinte:

1) — Sejam publicados os Estatutos da mesma Pia União no Boletim da Diocese de Viseu;

2) — Os Reverendos Párocos e Capelães lerão esta Nossa Instrução Pastoral aos Fiéis, conjuntamente com os Estatutos da Pia União, num ou mais domingos em hora de maior ajuntamento, e procurarão explicar-lhes os fins e vantagens da Cruzada, exortando-os a inscreverem-se nela e os membros da família sem exceptuar os mesmos defuntos que podem alcançar o beneficio de preciosos sufrágios;

3) — Todos os prégadores ficam obrigados durante o ano corrente a fazerem referências nos sermões à Pia União dos Cruzados de Fátima, exaltando esta obra e salientando os motivos, expostos nesta Instrução, pelos quais desejamos que se propague na Nossa Diocese;

4) — Usando da faculdade que Nos confere o art.º 10.º dos Estatutos Nomeamos para Director diocesano da Pia União dos Cruzados de Fátima o Rev.º Cônego Crisóstomo Gomes de Almeida e para o Conselho Diocesano os Rev.ºs Padres António Augusto Moreira Pinto e Dr. Vasco Rodrigues Serranon.

## NOTÍCIAS DOS CRUZADOS

Foram nomeados mais os seguintes directores diocesanos dos Cruzados de Fátima:

Lisboa — Mons. António Joaquim Alberto — C. dos Mártires da Pátria, 45.

Viseu — Cônego João Crisóstomo Gomes de Almeida — Paço Episcopal.

S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo da Guarda tem percorrido os arcepresbiteros da sua diocese falando sempre ao clero na necessidade de organizarem em todas as freguesias a obra dos cruzados de Fátima. São já numerosas as trezenas organizadas nesta diocese.

Começou com grande intensidade o trabalho de organização nas dioceses de Viseu e Lamego.